

AVENTURA E PAIXÃO. SURPRESA E RECOMEÇO.

SUN LIGHT

UMA NOVA LUZ

DEVNEY
PERRY

TOP
SEL
LER

• SÉRIE HAVEN RIVER RANCH •

Capítulo 1

JAX

O rosnado que ecoou no parque de estacionamento da mercearia parecia mais animal do que humano.

— Vou chamar a polícia.

Mas que raio? As portas duplas da mercearia fecharam-se atrás de mim no momento em que vi a Carla, a proprietária, a enfrentar outra mulher. Ambas agarravam as extremidades opostas de um carrinho de compras cheio de sacos de papel.

— Não estou a roubar. — A outra mulher deu um puxão ao carrinho. — Juro! Por favor! Só preciso de levar isto emprestado. Eu trago-o de volta.

A Carla bufou.

— Está à espera de que eu acredite nessa tretagem?

A minha carrinha estava estacionada na outra ponta do parque, mas, em vez de ir para casa, dirigi-me para o tumulto.

— Dê. Cá. Isso. — A Carla sacudia o carrinho a cada palavra, puxando-o com tanta força que a mulher quase foi levantada do chão.

— Por favor! Estas coisas são minhas. Acabei de as comprar. Só preciso de as levar para casa. — Ela estendeu um braço. — São três quartos. Chego lá e volto em menos de quinze minutos.

— Não vai roubar o meu carrinho.

— Eu não estou a roubar...

— Senhoras! — O confronto parou no instante em que deitei a mão ao cesto de metal do carrinho. — Está tudo bem?

— Não, não está tudo bem. — O rosto da Carla ruborizou quando ela desviou a atenção para mim. Tinha as bochechas tão vermelhas como o seu cabelo cor de fogo. — Ela está a roubar o meu carrinho.

A outra mulher abriu a boca, mas depois fechou-a, respirando fundo enquanto se recompunha. Quando olhou para mim, o meu coração acelerou.

Uns olhos castanhos lindos. Cabelo comprido e liso no mesmo tom de chocolate, as madeixas tão sedosas que refletiam o sol brilhante da tarde. Um rosto em forma de coração, com traços delicados e uma camada de sardas num nariz adorável.

Caramba! Quem era ela? Definitivamente, nunca a tinha visto na cidade. Eu reconheceria aquele rosto.

— Vim a pé da minha casa até à loja. — Ela enunciou cada palavra com uma voz calma e suave. Cada sílaba servia para desanuviar a tensão. Com qualquer outra pessoa, isso teria funcionado. Mas a Carla era... a Carla. A racionalidade não era um dos seus pontos fortes. — Presumi que os sacos fossem de plástico — disse a mulher.

Ah! Aí estava o erro. A Carla detesta plástico.

— Eu odeio plástico! — gritou a Carla. — É mau para o ambiente.

A mulher levantou uma mão enquanto a outra segurava firmemente a pega do carrinho.

— Não estou a contestar. Apenas presumi que os sacos seriam de plástico e que conseguiria carregar mais do que um de cada vez até casa, a três quarteirões de distância. Sendo de papel, não consigo levar todos.

O carrinho tinha pelo menos seis, e mais um garrafão de leite.

— A senhora atendeu-me — disse a mulher, com o seu olhar bonito a suplicar à Carla. — Comprei gelado para festejar a mudança. Só quero levá-lo para casa e pô-lo no congelador antes que derreta.

A Carla franziu os lábios.

— Muito bem. — Saquei da minha carteira e tirei uma nota de cem dólares. — Carla, quanto é que custam estes carrinhos?

— Duzentos e setenta dólares mais a taxa de entrega.

É claro que ela sabia o preço de cor. A Carla podia não ser uma pessoa muito ponderada, mas geria o seu negócio com mão de ferro.

— Toma lá. — Tirei mais duas notas de cem e mostrei-lhas. — É um depósito. Eu acompanho o carrinho até à casa desta senhora e volto. Se eu nunca mais voltar, terá o suficiente para comprar um carrinho novo.

— Ótimo! — A Carla pegou nas notas tão depressa que quase me fez um corte de papel na mão. Depois lançou um olhar letal à mulher antes de se afastar.

— Oh, meu Deus! — A mulher largou o carrinho, finalmente, erguendo as duas mãos e esfregando as têmporas. — Não sei se devo ficar furiosa ou envergonhada.

Eu ri-me.

— A Carla às vezes fica um bocadinho exaltada.

— Uau! — Ela soltou um longo suspiro. — Devo esperar isto sempre que venho às compras?

— Não. A única outra vez que a vi assim tão furiosa foi quando apanhou o filho a roubar preservativos numa loja quando éramos adolescentes. Ela ainda gosta de lhe atirar isso à cara, mas também... só passaram quinze anos.

— Só quinze? — O canto da sua boca cor-de-rosa encurvou-se para cima. Meu Deus, ela era linda.

— A Carla vai acabar por esquecer isto. Pode demorar algumas décadas, mas eu não perderia a esperança.

Ela baixou o olhar para o carrinho, com aquele sorriso ténue ainda nos lábios.

— Obrigada!

— De nada!

— Não precisas de acompanhar o carrinho até minha casa. Eu prometo devolvê-lo.

— A Carla está, sem dúvida, a observar da montra. Não vou correr o risco de ficar na mira dela, por isso, ou me deixas levar-te a casa de carro ou permites que te acompanhe durante os três quarteirões. Mas ficas já a saber que, se optares pela boleia, vou logo dar-te um sermão sobre entrar em veículos com desconhecidos.

— Não é preciso sermão. Eu vou a pé, obrigada! Mas também não sei se quero que um estranho que conheci no parque de estacionamento de uma mercearia saiba onde moro.

— Bem visto! — Eu ri-me. — Posso arranjar referências. O xerife é um bom amigo. Podemos ligar-lhe para ele vir cá e atestar o meu carácter. No entanto, é provável que o teu gelado não sobreviva à espera.

— Então, parece-me que, para o bem do meu gelado de bolachas e nata, vou ter de correr esse risco. — Ela agarrou a pega do carrinho e dirigiu-se para o passeio. — Desculpa lá isto. Estou a afastar-te das tuas próprias compras.

— Não faz mal. As minhas compras já estão feitas. — Tirei do bolso das calças de ganga as raspadinhas que tinha comprado lá dentro, exibindo-as antes de as voltar a guardar. — Tenho um acordo com o meu avô. Todas as semanas, compro-lhe bilhetes de lotaria nas duas bombas de gasolina da cidade e na mercearia. Em troca, a minha avó faz-me o jantar uma ou duas vezes por semana.

— Assim, o teu avô tem a oportunidade de ganhar dinheiro e tu tens refeições grátis. E a tua avó? Parece que está a sair prejudicada.

— Bem... Faço questão de lhe dar uns abraços quando vou lá a casa jantar.

Ela ergueu duas sobranceiras perfeitamente arqueadas.

Inclinei-me para me aproximar dela.

— Os meus abraços são *muito* bons.

Os seus olhos brilharam e ela soltou uma gargalhada serena. Começou, então, a caminhar a um ritmo rápido e natural.

O barulho das rodas do carrinho ao longo do cimento ia abafando o baque das minhas botas de *cowboy*, até o primeiro quarteirão terminar depressa demais.

— Não sei se alguma vez conheci alguém que andasse a essa velocidade. — Normalmente, eu encurtaria o passo para caminhar ao lado de uma mulher, mas não desta vez. — Suponho que não tem nada que ver com o gelado, pois não?

— Eu ando depressa — disse ela, encolhendo os ombros quando chegámos à primeira esquina e ambos olhámos nos dois sentidos para atravessarmos a rua. Novamente no passeio, começámos a percorrer o quarteirão número dois.

Só que eu ainda não estava pronto para que a caminhada acabasse. Não tão depressa.

— Conta-me uma mentira.

Ela abrandou — missão cumprida —, e as suas sobrancelhas uniram-se.

— Hã?

— Uma mentira. Conta-me uma mentira.

— Porquê?

— Porque não? Uma mentira parece mais interessante do que conversa fiada.

— Nunca ninguém me tinha pedido para lhe contar uma mentira. — A sombra de um sorriso surgiu-lhe nos lábios. — Está bem. Adoro tostas de queijo.

— O quê? — Parei imediatamente. — Não gostas de tostas de queijo?

— Nem um bocadinho.

Levei uma mão ao coração.

— É uma das duas coisas que sei cozinhar.

— Qual é a outra?

— Pequeno-almoço para o jantar. Sou muito bom a dar abraços e a fazer panquecas. — E a proporcionar orgasmos, mas isso era algo que eu preferia mostrar às mulheres, não contar.

— Nunca comi um pequeno-almoço ao jantar — respondeu ela.

— Desculpa?! — O meu queixo quase bateu no passeio. — Nunca tomaste o pequeno-almoço ao jantar. Isso é... um absurdo.

— Lamento desiludir-te. — Ela sorriu, um sorriso mais largo desta vez, e continuou a andar.

— Conta-me um segredo.

— Segredos e mentiras? Esta deve ser a conversa mais bizarra que já tive com um estranho.

Bizarra. Mas inesquecível, espero.

Ela refletiu durante alguns momentos e depois disse:

— Não gosto de gatos.

— És um monstro! — Fingi horror, levando de novo a mão ao coração. — A Carla tinha razão. Ias roubar este carrinho, não ias?

Ela riu-se, e isso transformou-a, como se tivesse acendido uma luz que irradiava através do seu rosto. Aqueles olhos castanhos brilhavam, revelando manchas de ouro e canela. Os seus dentes brancos e alinhados cintilavam enquanto as suas bochechas se tornavam cor-de-rosa.

Foda-se.

Agora estava metido em sarilhos.

— Em minha defesa, sou alérgica — disse ela. — Mas preferia ter uma aranha de estimação a um gato, e também tenho pavor de aranhas. Não que eu tenha medo de gatos. Só não gosto deles. São demasiado independentes.

— E se forem gatinhos bebés?

— São fofos. Mas não tão fofos como os cachorrinhos.

— Então, gostas de cães. O que achas de cavalos?

— Nunca estive perto de nenhum.

Nunca comeu pequeno-almoço ao jantar. Nunca esteve perto de cavalos. Dois problemas que eu queria resolver.

Mas antes que eu pudesse convidá-la para ir ao rancho andar a cavalo e jantar, ela apontou para uma casa geminada com fachada

castanha. De alguma forma, os quarteirões dois e três tinham sido mais rápidos do que o primeiro.

— Aquela é a minha casa.

Era uma casa mais antiga, mas a relva parecia acabada de aparar e, tirando o carro decrépito na entrada do vizinho, a rua parecia calma. Do outro lado da rua, o outro vizinho tinha enchido o quintal com decorações insufláveis de Halloween.

— Vou levar isto para dentro rapidamente — disse ela, parando na entrada do caminho que levava à porta da frente.

— Queres ajuda?

— Não, não é preciso.

— Está bem.

Talvez um dia ela me convidasse para entrar. Mas até ao dia em que eu deixasse de ser um estranho, não ia insistir.

Ela fez duas viagens com os sacos, levando-os rapidamente para dentro, até que tudo foi descarregado e ela se juntou a mim no passeio.

— Eu posso levar isto de volta — disse-lhe, virando o carrinho.

— Importas-te que eu vá também? Afinal, a minha honra está em jogo.

É claro que não me importo.

— Quem sou eu para te negar a tua honra? — respondi com um sorriso quando ela se pôs ao meu lado, deixando-me empurrar o carrinho na viagem de regresso.

— É a tua vez. Conta-me uma mentira — disse ela.

— Eu nunca minto.

— É essa a mentira? Ou estás a dizer que não me podes contar uma mentira porque nunca mentes?

Pisquei-lhe o olho.

— Isso não é uma resposta. — Ela revirou os olhos. — Muito bem. E que tal um segredo?

— Eu não tenho segredos.

— Toda a gente tem segredos.

— Eu não. — Não na minha querida terrinha. Por aqui, toda a gente pendura a roupa suja lado a lado no varal, até eu.

Ela estudou o meu perfil enquanto caminhávamos.

— Não vais mesmo contar?

— Já te disse. Não minto e não tenho segredos. — Mantive o meu olhar em frente, lutando contra um sorriso.

Quando foi a última vez que namorisei com uma mulher assim? Na faculdade, talvez? As raparigas da zona eram simpáticas, mas não era preciso sedução. A minha boa aparência era normalmente o suficiente para levar uma mulher para a cama. Isso, ou o meu apelido.

Mas, caramba, isto era divertido. Refrescante. Havia algo diferente nesta mulher. Ela estava a desafiar-me, certo?

Naquele momento, o que eu mais queria era fazê-la interessar-se por mim. Raios, eu nem sequer sabia o nome dela.

— Esta noite vais comer gelado. E que tal um jantar primeiro? — perguntei-lhe. — O Thirsty Turtle não tem panquecas, mas faz uns hambúrgueres ótimos.

Ela ficou em silêncio e continuou a andar.

A cada passo, o meu coração acelerava cada vez mais em direção à garganta. O meu nervosismo disparou. Estaria ela a pensar na melhor forma de recusar? Pela primeira vez em muito tempo, eu estava prestes a ser rejeitado, não estava?

Ela fez-me esperar, com o meu convite para jantar a pairar entre nós, enquanto atravessávamos o último cruzamento e entrávamos no parque de estacionamento da mercearia.

— Estás a arriscar a tua reputação ao associar-te a uma suspeita de roubo — disse ela, por fim.

Boa! Aquilo era um sim. Ou eu assim o entendia.

— É um risco que estou disposto a correr. — Estendi a mão. — Chamo-me Jax Haven.

— Haven! — Algo semelhante a pânico tomou a sua expressão, fazendo-a arregalar os olhos. — Como em Rancho do Rio Haven?

— Sim — respondi. Na maior parte das vezes, o meu apelido funcionava a meu favor. Então porque é que a cor estava a desaparecer do rosto dela?

— Oh! Hum... — Ela mordiscou o lábio inferior, enquanto se afastava um passo e depois outro. — Obrigada. Mas acho que é melhor ficar-me pelo gelado. Prazer em conhecer-te.

Espera lá. O quê? Antes que eu pudesse pedir uma explicação, ela virou-se e afastou-se.

Fiquei ali, agarrado ao carrinho de compras e de queixo caído, até ela desaparecer de vista.

— Mas que raio?

Não. Ela disse-me que não?

Teria percebido mal? Estávamos a criar ambiente, certo? Que diabo estava a acontecer?

A minha boa-disposição foi toda à vida quando empurrei o carrinho de volta para o lugar e depois entrei e estendi a mão para a Carla me devolver o dinheiro. Mal ela mo deu, saí sem uma palavra e dirigi-me para a minha carrinha.

Conduzi até ao rancho, com o ego ferido como companhia. Depois fiz panquecas para o jantar e esforcei-me ao máximo para não pensar na beldade de cabelo escuro com quem as devia ter partilhado.

— Quanto tempo é que isto vai demorar? — perguntei ao West.

— Não sei. Uns dez minutos.

Suspirei.

— Porque é que eu estou aqui?

— Porque és um dos proprietários desta estância. — Ele olhou-me de soslaio. — O que é que se passa contigo hoje?

— Nada — menti.

O meu irmão franziu o sobrolho.

— Então deixa de ser tão rabugento.

— Agora pareces o pai — murmurei.

Eu adorava o West, mas o problema de eu ser nove anos mais novo era que havia alturas em que ele me tratava mais como seu filho do que como seu irmão.

Estávamos no átrio da pousada, sob o candeeiro de chifres que irradiava uma luz calorosa. Hóspedes sorridentes circulavam por ali, bebendo café e sidra quente. Uma família de quatro pessoas estava ao balcão, com a bagagem aos pés enquanto fazia o *checkout*.

Todos estavam felizes naquela manhã. Todos, exceto eu.

— Vamos lá acabar com esta reunião.

Para que eu pudesse arrancar para os estábulos, selar o meu cavalo e ir dar um longo e duro passeio. Talvez um dia passado ao ar livre, a desfrutar do ar fresco do outono, me ajudasse a esquecer a mulher que tinha conhecido no dia anterior na mercearia.

A rejeição dela consumia-me mais esta manhã, de alguma forma ainda mais do que na noite passada, em que não parei de dar voltas na cama, relembrando cada minuto daquela caminhada. Nem sequer podia amaldiçoá-la pelo nome porque não sabia o nome dela.

Mas ela sabia o meu. E, claramente, isso tinha sido suficiente para fugir a sete pés.

Seria ela amiga de alguma mulher com quem eu já tenha andado? Talvez ela soubesse que eu tinha preferência por encontros de uma noite e quisesse manter-se afastada. Mas como? Ela vivia há pouco tempo na zona, certo? A não ser que eu fosse mais famoso no circuito das mulheres solteiras do que me tinha apercebido.

— Para! — O West bateu-me no braço.

— O que foi? — berrei.

— Para de fazer cara feia. Sorri, por amor de Deus. Isto é importante para a Indya.

Mostrei-lhe todos os meus dentes.

— Merdoso — murmurou ele.

Relaxando os lábios, tentei ao máximo suavizar a carranca que ostentava desde o dia anterior.

— Não sei porque é que precisamos de contratar um gerente. Eu disse-te que assumiria o comando enquanto a Indya estivesse de licença de maternidade.

— Tu tens muito em que pensar. E eu tenho muito em que pensar. Precisamos de ajuda, ao ritmo a que estamos a crescer. Ter alguém que possa estar cá para gerir a pousada e a estância facilitará a vida de todos nós.

— Está bem! — Cruzei os braços sobre o peito. — Mas é bom que ele ou ela não se ponha a dar ordens!

— Ela. E tenho a certeza de que não o fará.

— A Indya manda em mim.

Ele riu-se.

— Em mim também.

A única mulher no mundo de quem o West aceitaria de bom grado receber ordens era a sua mulher. E talvez a filha deles, quando ela nascesse.

Ouviram-se vozes do corredor que levava aos escritórios da gerência, e o West virou-se com um sorriso no rosto quando apareceu o cabelo loiro encaracolado da Indya.

Normalmente, eu gozaria com ele por ser tão idiota quando a mulher está presente.

Mas era impossível formar palavras de queixo caído.

Ao lado da Indya estava a Rapariga da Mercearia.

Bonita. Impressionante. Tão perfeita como no dia anterior.

Raios me partam.

O sorriso da Indya iluminou-se quando se pôs ao lado do West.

— Pessoal, gostava de vos apresentar a Sasha Vaughn, a nossa nova gerente. Sasha, este é o meu marido, West, e o meu cunhado, Jax. Juntos, nós os três somos donos do rancho e da estância.

Dizer *juntos* era ser simpático. Eu era dono de uma mera fração, em comparação com o West e a Indya. Mas esses detalhes não importavam hoje. Não enquanto eu contemplava aqueles deslumbrantes olhos castanhos e aquelas sardas que lhe pontilhavam a pele lisa.

Sasha. O nome dela é Sasha.

— Prazer em conhecer-te! — O West apertou-lhe a mão. — Fico satisfeito por te ter aqui.

— Eu também, Sr. Haven.

— West. Só West — corrigiu ele.

— West. — A Sasha lançou-me um sorriso educado quando me encarou a seguir. Não havia uma centelha de surpresa ou familiaridade no seu rosto. Não que devesse haver. Ela sabia com quem se ia encontrar esta manhã. Mas eu?

Não tinha noção alguma.

— É um prazer conhecê-lo. — Ela estendeu a mão na minha direção.

Então era assim que ela queria fazer este jogo? Fingir que o dia anterior não tinha acontecido?

Ótimo. Eu entraria no jogo. Por agora.

— Prazer em conhecer-te também. — Mal as nossas mãos se tocaram, senti um formigueiro na pele. O arregalar dos seus olhos dizia que ela também o sentia. Sorri ao segurar os seus dedos delicados por um momento demasiado longo, e depois soltei-a. — Bem-vinda ao Rancho do Rio Haven, *Sasha*!

Capítulo 2

SASHA

Três meses depois...

Um ruído ecoou no chuveiro. Um ruído que se prolongou, como se estivesse a percorrer um labirinto de canos.

Eu tinha as mãos no cabelo. E os dedos cobertos de espuma do champô. A água morna descia em cascata pelo meu corpo nu.

Até que deixou de o fazer.

— Não. Não, não, não, não.

A água abrandou para um gotejar.

— Oh, meu Deus!

Eu ainda tinha de me enxaguar.

— Vá lá! — Rodei a torneira, girando-a para a frente e para trás. — Por favor! — Desligado. Ligado. Desligado. Ligado. Nada.

A única água que restava escorria pelo ralo com um gorgolejo.

Gemi, encostando a testa à parede.

— Só podem estar a brincar comigo. Como é que chegámos a este ponto?

Odiava aquele chuveiro. Odiava aquela casa arrendada.

Odiava o Montana.

Senti arrepios na pele quando o ar arrefeceu. Saí rapidamente do chuveiro e envolvi o corpo numa toalha. Depois espremi o máximo

de água e sabão que pude do cabelo antes de correr para o armário para vestir umas calças de fato de treino quentes.

Talvez a água voltasse em breve, mas, se esperasse demasiado tempo, chegaria atrasada ao trabalho. E, de momento, o trabalho era a única coisa positiva na minha vida. Não podia atrasar-me.

Além do mais, havia um chuveiro no balneário das mulheres que tinha água quente garantida.

Por isso, reuni rapidamente uma muda de roupa, uma escova, o secador de cabelo e o estojo de maquilhagem, e calcei um par de botas de neve antes de sair porta fora.

O ar frio era assustador. Bastou uma inspiração para os meus pulmões congelarem. Antes mesmo de chegar ao carro, o meu cabelo molhado começou a ficar branco com pingentes de gelo.

Deslizei para o volante do meu *Mazda*, com o corpo a tremer com o frio que se infiltrava nos ossos. Precisei de duas tentativas para introduzir a chave na ignição. O motor fez um som sibilante, protestando contra o arranque, mas acabou por aceder. Quando liguei o aquecimento, só me soprou ar gelado para a cara, por isso desliguei-o.

Quando o painel de instrumentos se iluminou, o termómetro marcava dez graus negativos.

— O que é que eu estou a fazer aqui? — Esfreguei as mãos uma na outra, depois levei-as à boca e soprei ar quente para as palmas.

Com os dentes a bater, esperei alguns minutos enquanto o carro aquecia e, quando o para-brisas finalmente descongelou o suficiente para que eu pudesse ver, avancei para a rua coberta de neve, lançando um olhar para a casa ao lado da minha.

Os vizinhos ainda deviam estar a dormir. Tinham passado a noite a fazer sexo ruidoso e selvagem e a certificarem-se de que a cabeceira da cama batia o maior número de vezes possível contra a parede que partilhávamos. *Parvalhões*. Aquilo durou até às três da manhã. Eu entrei no duche por volta das cinco.

Céus, precisava de me mudar!

Para um sítio quente. Um sítio calmo.

Um sítio com água quente que não falhasse.

Mas, por agora, estava enalhada no Montana. Estava enalhada numa casa de merda. Estava enalhada em temperaturas abaixo de zero. Estava simplesmente enalhada.

Enalhada de tantas formas que deixei de contar.

Mas, pelo menos, estava enalhada num bom emprego.

Segui lentamente pelas ruas secundárias de Big Timber enquanto me dirigia para a autoestrada. Conduzir na neve era uma habilidade que eu ainda não dominava, e o meu carro com tração às duas rodas lidava com o gelo tão graciosamente como uma girafa lidaria com patins.

Era um percurso angustiante de quarenta e cinco minutos até ao Rancho do Rio Haven. Todos os dias, ansiava cada vez menos por essa viagem.

Quando me mudei há três meses, gostei do trajeto de casa para o trabalho. Gostei do tempo passado sozinha numa estrada aberta. Apreciei a paisagem, os campos extensos que se estendiam entre cadeias de montanhas escarpadas.

Mas depois veio a primeira tempestade de inverno e o trajeto tornou-se puro stress. Na verdade, sentia falta do trânsito da hora de ponta da Califórnia, algo que nunca pensei admitir.

Já tinha os nós dos dedos brancos quando saí da autoestrada e entrei numa estrada de gravilha gelada. Mas só respirei verdadeiramente quando passei por baixo do arco da estância.

— Consegui!

Esta viagem poderia ser a única vitória do dia. E eu precisava de a repetir na viagem de regresso a casa.

Obrigui-me a afastar os ombros das orelhas enquanto desviava o corpo do volante. Depois levei o pé ao travão para abrandar para a última curva da estrada.

De um momento para o outro, deixei de apontar diretamente para a estrada de gravilha e comecei a sentir os pneus traseiros a derraparem para o lado.

— Oh, merda!

Virei o volante, tentando freneticamente corrigir a trajetória. Isso só fez com que as rodas da frente comessem a derrapar também.

— Para! Não! — Eu ofegava enquanto o carro se aproximava cada vez mais da valeta. — Por favor, para!

Carreguei no travão.

O carro continuou a deslizar. Diretamente para a valeta, onde parou com um baque abafado.

— Raios! — Pisei o acelerador. O motor acelerou, mas o carro nem sequer se mexeu.

Isto não estava a acontecer. Não hoje.

Estava tão perto. Conseguia ver o telhado vermelho de um chalé de hóspedes à frente. Praticamente conseguia sentir o cheiro a *bacon* e ovos a serem cozinhados na sala de jantar da pousada.

— *Argh!* — Deixei cair a testa no volante. Uma madeixa de cabelo molhado desprendeuse do elástico e bateu-me na bochecha. — Odeio o Montana!

Se eu fosse uma pessoa que gosta de estar ao ar livre, talvez não me importasse de caminhar pela neve brilhante da manhã. Se eu tivesse dormido mais de duas horas, talvez não tivesse adiado o despertador e o meu duche não tivesse sido encurtado. Se tivesse tomado melhores decisões nos últimos dez anos, talvez não estivesse no Montana.

No entanto, ali estava eu, a recolher a minha mala cheia de artigos de higiene pessoal do banco do passageiro. Porque, quer quisesse quer não, ia a pé para o trabalho.

Como o carro estava inclinado para o lado, quando tentei abrir a porta, ela fechou-se no meu braço. Por isso, torci-me, usando os pés para empurrar com força suficiente para a abrir. Depois, com a mala

pendurada num ombro, saí, afundando-me instantaneamente na neve até aos joelhos.

Pedaços de gelo encheram as minhas botas.

— És uma merda, inverno!

Como se a Mãe Natureza me tivesse ouvido, uma rajada de vento atirou-me cristais de gelo para a cara.

Cabra.

Avancei a passos largos, praticamente esgaravatando o caminho para fora da valeta e para a estrada. Depois, limpei o máximo de neve que pude das calças de fato de treino antes de me dirigir para a pousada.

O meu bafo dispersou-se diante da minha cara numa nuvem branca. O meu cabelo recuperou os pingentes de gelo antes de eu ter percorrido quinze metros. A ferroada do frio nas minhas narinas era tão forte que me trouxe lágrimas aos olhos.

Havia quem escolhesse viver aqui. Permanentemente. Havia quem viesse visitar. Por. Pura. Diversão. A sério?

Eu não era esse tipo de pessoa.

Mas era o tipo de pessoa que precisava de um ordenado, e este era o melhor.

Um motor roncou ao longe.

— Por favor, que seja o West. Por favor.

O marido da Indya salvaria o meu carro e não faria disso uma cena. Ele não gozaria comigo para o resto da vida por ter ido parar à valeta.

Mas não foi a carrinha do West que surgiu a seguir à curva. Obviamente. A minha sorte não mostrava sinais de melhorar.

O *Silverado* cinzento que apareceu pertencia à última pessoa que eu queria ver nessa manhã.

O Jax Haven.

E não estava sozinho. Obviamente.

A Mindi, uma das rececionistas, ia no lugar do passageiro.

O que significava que, ao meio-dia, toda a gente na estância já saberia que eu tinha ficado atolada.

— O que é que eu estou a fazer aqui? — murmurei. — Hoje não é mesmo o meu dia.

O Jax abrandou até parar, baixando o vidro para me mostrar um sorriso arrogante tão branco como a neve.

— Bom dia, Sasha! Atolada?

— Não, só pensei em testar uma nova área para estacionamento de funcionários — respondi. — É claro que estou atolada.

Muito, muito, muito atolada.

Enquanto me olhava de alto a baixo, os seus olhos azul-celestes enrugaram-se e o seu sorriso transformou-se num sorriso malicioso.

Aquele maldito sorrisinho. Era tão convencido, como se qualquer resposta que lhe passasse pela cabeça fosse infinitamente divertida. Em qualquer outro homem, teria parecido condescendente, mas, de alguma forma, funcionava naquela cara deslumbrante — o que o tornava ainda mais irritante.

Será que ele sorria assim para toda a gente? Ou eu era apenas a azarada destinatária? Nos últimos três meses, não conseguia lembrar-me de um encontro com o Jax em que aquele sorrisinho não tivesse sido um intruso detestável.

Bem, tinha havido o episódio da mercearia. Ele não tinha sorrido assim para mim nessa altura. Mas eu tentava não pensar nesse dia. Em como esse dia poderia ter sido diferente se o Jax não fosse tecnicamente meu chefe.

— Olá, Sasha! — A Mindi inclinou-se para a frente e fez-me um aceno com o dedo. O sorriso dela *era* condescendente.

— Olá, Mindi!

— O teu cabelo está gelado. — A Mindi era excelente a constatar o óbvio. — Devias secá-lo em manhãs frias como esta.

— Grande conselho — murmurei, e depois desviei a minha atenção de volta para o Jax, que estava a lutar contra uma gargalhada.

— Entra! — Ele fez sinal com o queixo para o banco de trás. — Eu levo-te à pousada, depois tiramos o teu carro.

— Obrigada! — Entrei na carrinha, suspirando por causa do calor e do cheiro.

Cedro, especiarias e citrinos, como se ele tivesse descascado uma laranja de manhã e o cheiro permanecesse nos seus dedos.

Provavelmente tinha descascado a laranja para a Mindi.

Ela estava a usar uma camisola com capuz que ficava enorme na sua pequena estatura. É bem capaz de a ter roubado do armário do Jax. Ela andava a namoriscar com ele há semanas e, pelos vistos, todo aquele esforço tinha finalmente compensado.

Bem, era bom que ela não ficasse demasiado confortável naquele assento. Desde que me mudei para o Montana, já tinha ouvido de mais do que uma mulher que o Jax era um *playboy* descarado e namorado.

Tendo em conta a forma como nos conhecemos, não era difícil de acreditar.

— Estava a dizer ao Jax que o tempo está, tipo, mesmo muito frio — disse a Mindi.

— *Yep*. — Dei ênfase ao *p*. — Está frio.

Eu odiava conversa fiada. E detestava conversa fiada sobre o tempo.

Os olhos do Jax encontraram os meus através do retrovisor enquanto ele virava para a pousada.

— Mindi, a Sasha odeia falar sobre o tempo.

— Ah, sim?

— Sim — respondemos eu e o Jax em uníssono.

Espera lá. Como é que ele sabia isso?

— Como é que sabes isso?

— Enrolas o lábio sempre que o assunto surge.

É? *Ai*. E ele notou. Porquê?

— É só o tempo. — A Mindi sorriu. — Toda a gente fala sobre o tempo.

O meu lábio enrolou-se automaticamente.

Desta vez, a Mindi também percebeu e ergueu as mãos.

— Tudo bem, nada de tempo. Caramba!

— Eu só... — Massajei as têmporas e a dor de cabeça que florescia no meu crânio. — Tem sido uma manhã terrível, e eu só quero tirar o champô do cabelo. Não sou boa companhia agora.

Não que eu fosse particularmente conversadora com a Mindi num dia normal. Não nos tínhamos dado propriamente bem nos três meses de trabalho no Rancho do Rio Haven. Eu era chefe dela e não tinha qualquer problema em manter uma relação profissional.

Essa regra estendia-se também ao Jax. Além disso, os *cowboys* não eram a minha cena.

— Achei que ias tirar o fim de semana — comentou o Jax.

— Há muita coisa a acontecer. Quero ficar o máximo de tempo possível antes que a Indya vá de licença de maternidade.

— Mesmo a um sábado?

— Mesmo a um sábado. Nem toda a gente pode andar na gandaia aos fins de semana.

Ele zombou e olhou para a Mindi.

— Eu não ando na gandaia. Eu ando na gandaia?

— Não. — Ela pestanejou no meio de uma gargalhada.

Quando o Jax se riu, olhei para a maçaneta da porta. Pela primeira vez na minha vida, considereei uma saída do carro em movimento.

Será que já me tinha tornado motivo de chacota? Durante a minha primeira semana no rancho, conversei com um hóspede que vivia em Big Timber. Ele tinha trazido a mulher para comemorar o aniversário de casamento, uma escapadinha para desfrutar do nosso *spa* e da cozinha do *chef*. Quando lhe disse que era de Sacramento, ele brincou dizendo que a maioria dos californianos só suportava um inverno no Montana.

Talvez tivesse razão.

Que raio estava eu a fazer ali?

Aquele não era o meu lugar. Todos naquela carrinha e naquele rancho sabiam que eu não pertencia ali.

Mas no meu trabalho como gerente da estância ganhava quase o dobro do meu salário anterior. E é verdade que, embora tivesse ficado sem água de manhã e os meus vizinhos fossem estrelas porno amadoras, a renda era muito baixa.

Naquele momento, fazia-me falta cada cêntimo.

Para que o Jax e a Mindi se pudessem rir. Eles não estavam errados. Eu não pertencia ali. Mas eu não fazia tenção de me ir embora. Por enquanto.

Respirei fundo enquanto o Jax estacionava na entrada dos funcionários da pousada. Pelo menos não me obrigava a atravessar o átrio com o cabelo congelado e ensaboado e calças de fato de treino que já tinham visto dias muito, muito melhores. Eu nem sequer vestira um sutiã.

— Obrigada! — Saltei, prestes a escapar, quando o Jax voltou a baixar o vidro e estendeu a mão. O que é que ele queria? Um dá cá mais cinco ou algo do género?

— O que foi?

— Chaves.

— Ah!

A temperatura estava abaixo de zero, mas o meu rosto pegava fogo na presença daquele homem.

Raios! Isto tinha *mesmo* de parar.

— Hum... obrigada.

Tirei as chaves da minha mala e entreguei-lhas. Depois, enquanto recuava, fiz uma vénia.

Num parque de estacionamento, com umas calças de fato de treino surradas, fiz uma vénia como se estivesse a cumprimentar a rainha de Inglaterra. A minha mala escorregou-me de um ombro, quase me desequilibrando antes de me endireitar.

O que foi aquilo? Eu não fazia vénias. Nunca. Nem uma única vez na vida tinha feito uma vénia. Por que raio estava eu a fazer uma

vénia? Isto era um pesadelo. Parecia um daqueles momentos em que um empregado dizia «Bom apetite» e eu respondia «Obrigada, para si também». O que é que havia de errado comigo hoje?

O Jax, como seria de esperar, fez um sorrisinho.

Ainda ele não tinha começado a subir o vidro, já eu corria para a porta. Os balneários dos funcionários não eram lá muito espaçosos, mas felizmente estavam vazios. E, depois de um longo banho quente, vestida com calças de ganga e a minha camisola mais quente, peguei numa chávena de café a esquentar e fui para o meu gabinete.

— Uma vénia?! — Encolhi-me quando me sentei à secretária.

Um dia, quando estivesse muito, muito longe do Montana, provavelmente pensaria naquele momento e desataria rir-me. Mas hoje não. Hoje, lutava contra a vontade de me enrolar debaixo da secretária e esconder-me por toda a eternidade.

Como isso também não era uma opção, passei as horas seguintes enterrada no trabalho, fazendo tudo o que estava ao meu alcance para esquecer a manhã. Para tirar o sorrisinho do Jax da minha mente.

Há três meses que andava a receber aquele sorrisinho. A primeira vez foi um dia depois de nos termos conhecido, na minha primeira manhã como gerente do Rancho do Rio Haven. Na manhã em que fingi que não conhecia o Jax.

Ele fez-me aquele sorrisinho, e eu tenho-o recebido desde então. E, ao fim de três meses, tudo nele me deixava nervosa.

Aquele homem não levava nada a sério, e, sempre que tínhamos uma reunião de gestão, ele agia mais como funcionário do que como patrão. Era tão descontraído. Tão despreocupado. Tão ridiculamente atraente que me deixava irracionalmente irritada.

Porque é que ele tinha de ser tão atraente? Porque é que ele tinha de ser o tipo da mercearia? Porque é que ele não trabalhava *noutro lugar*?

— Olá, Sasha! — A Indya bateu à porta aberta do meu escritório e entrou. O seu cabelo loiro encaracolado caía-lhe em cascata sobre os ombros, com uma madeixa a tapar-lhe o rosto enquanto vasculhava a mala em busca das minhas chaves para as pousar na secretária. — O West estacionou o carro no local habitual.

— Obrigada! — Soltei um longo suspiro. — Sinto-me uma idiota.

— Não sintas. — Ela acenou. — As pessoas passam a vida a ficar atoladas aqui. Ninguém liga.

— Eu falo com ele da próxima vez que o vir, mas poderias transmitir os meus agradecimentos ao West?

— Claro! — Ela sentou-se numa cadeira de visita, recostando-se o suficiente para se reclinar no assento, as mãos automaticamente espalmadas em cima da barriga de grávida.

A Indya, juntamente com o West e o Jax, era proprietária do Rancho do Rio Haven. Os três tinham mais riqueza do que eu alguma vez poderia sonhar acumular, tal como a maioria dos nossos hóspedes da estância. Recebíamos uma clientela rica proveniente de todos os estados. Mas, apesar da riqueza, a Indya era doce, terra a terra e... normal. Trabalhar para ela nos últimos três meses tinha sido um sonho.

Noutra vida, teria gostado de ser sua amiga. Nesta vida, contentar-me-ia em ser sua empregada.

— Está um dia lindo hoje. — Os seus olhos passaram por mim até às janelas que davam para o pátio.

Rodei a minha cadeira, seguindo o seu olhar.

O sol refletia na neve. O céu era de um azul sem nuvens. Havia vapor a sair do jacúzi exterior. Era um paraíso de inverno. Pelo menos era isso que apresentávamos aos nossos hóspedes.

Sim, era lindo. Mas porque é que tinha de estar tão frio?

— Não gostas do inverno, pois não? — perguntou a Indya.

— Eu gosto mesmo é do verão.

— E gostas disto? Do Montana? — A expressão no seu rosto era tão esperançosa que quase menti.

— É... hum... diferente. Eu realmente não sou do tipo que gosta de atividades ao ar livre, por isso tem sido... — *Horrível*. — Uma adaptação. A casa que arrendei também não é propriamente um sonho. Os vizinhos são... digamos... barulhentos. E tive alguns problemas de manutenção.

Os olhos da Indya arregalaram-se.

— Então, odeias estar cá?

Desta vez, menti.

— Não, não odeio.

Ela estudou o meu rosto durante um longo momento.

— Sasha, sê honesta! Gostas deste trabalho?

— Sim. — Era a verdade. — Estou só a ter dificuldades com o inverno. Não o adoro.

— Estás infeliz? Eu não quero que te sintas infeliz.

— Não estou infeliz.

Não estava feliz, mas também não estava infeliz.

— Por favor, não te demitas! — sussurrou ela, com pânico na voz.

— Eu não me vou demitir.

— Tens a certeza?

— Sim, tenho a certeza.

— O que posso fazer? — A Indya estendeu as mãos como se me pudesse amarrar magicamente à cadeira. — O que posso fazer?

— Nada. Está tudo bem. A sério. — Mais mentiras. Nada acerca da minha permanência no Montana estava bem. Mas era necessário. Por agora.

— Posso pedir-te um favor? Se decidires ir-te embora, por favor, vem falar comigo primeiro.

Anuí.

— Eu não me vou embora. Mas, se mudar de ideias, sim, falarei contigo primeiro.

Os seus ombros descaíram de alívio.

— Vou passar a tarde a atualizar os meus e-mails no escritório, se precisares de alguma coisa. O West vai trazer os rapazes mais tarde para a fogueira de sábado.

Era uma tradição no Rio Haven. Todos os sábados, acendiam uma fogueira no pátio, onde as crianças podiam preparar cachorros-quentes e assar *marshmallows*. Os hóspedes desfrutariam de hambúrgueres grelhados numa fogueira. Antes de nevar, jogavam alguns jogos de exterior e faziam atividades no relvado. Por vezes, a Indya contratava um músico local para cantar e tocar guitarra.

Os Havens faziam questão de comparecer todos os sábados. O West e a Indya costumavam ir. Mas o Jax também aparecia com frequência. Eu fazia questão de estar disponível também, para apoiar a equipa e conviver com os hóspedes.

O cheiro do fumo da fogueira agarrava-se sempre ao meu cabelo. Normalmente não era um problema, porque ia para casa e tomava banho antes de me deitar. Mas esta noite não havia garantias de que teria água.

— Importas-te se eu hoje não for à fogueira?

— De modo nenhum — respondeu a Indya. — É sempre opcional.

— Obrigada! Depois de o bebé nascer, garanto que irei sempre.

— O Jax prometeu estar aqui também. Talvez vocês os dois possam coordenar-se.

— Claro! — Sufoquei um gemido.

Quer eu gostasse quer não, o Jax era inevitável. E cada sorrisinho que me lançava era uma memória silenciosa do dia em que nos tínhamos conhecido. De como eu gritara por causa de um carrinho de compras. De como eu flirtara descaradamente enquanto o meu gelado derretia num saco de papel.

Eu era uma desgraça. Era uma desgraça há dez anos.

Aguenta até ao limite! Esse era o meu lema. Esforcei-me muito para esconder o desastre que era a minha vida. Mas o Jax tinha

visto o meu verdadeiro eu. Tinha visto o desastre que era a Sasha Vaughn.

Seria de admirar receber aqueles sorrisinhos?

Pelo menos não trabalhávamos juntos diariamente. A não ser que ele fosse à pousada ver a Indya, os nossos caminhos não se cruzavam com frequência. O West passava a maior parte do tempo a trabalhar no rancho e na exploração de gado. O Jax dirigia as excursões dos hóspedes e trabalhava principalmente no seu escritório nos estábulos.

— Antes de eu ter este bebé — disse a Indya, acariciando a barriga —, gostava que começassem a coordenar com o Jax as excursões dos hóspedes. Ele gere a maior parte, mas normalmente reunimo-nos uma vez por semana para estarmos em sintonia.

— Duvido que ele precise da minha opinião. — *Argh*. O meu lábio encurvou-se antes que eu o pudesse impedir.

E a Indya, perspicaz, percebeu-o, sem dúvida.

— O Jax é um problema? Ele fez alguma coisa?

— Não. É que... Só acho que não terei nada para oferecer. Essa é a área de especialização dele. Não me parece que ele vá gostar que eu me meta nisso. Não somos propriamente... hum... amigos.

— Então, ele é um problema.

— Não. — Abanei as mãos em protesto. — Está tudo bem. Está tudo bem com ele. Está tudo bem.

A Indya olhou para mim durante tanto tempo que comecei a contorcer-me. Ela não queria que eu me demitisse. Graças a Deus. Mas eu também não podia dar-me ao luxo de ser despedida. Sobre tudo se ela pensasse que eu tinha problemas com o Jax.

— Eu posso reunir-me com ele — assegurei-lhe. — Não há problema. Café? Vou buscar mais café. Posso trazer-te alguma coisa? Água? Chá? Bolachas?

— Não, obrigada! — Ela semicerrou os olhos. — Sasha, está tudo bem?

— Estou ótima! — menti, pegando na minha caneca vazia enquanto me levantava. — Talvez seja café a mais. Estou um pouco nervosa. É melhor passar a beber água.

Ela continuava no meu gabinete, ainda na cadeira, a olhar para mim como se eu tivesse criado asas, enquanto eu voava para a porta e desaparecia no corredor.

— Merda! — Maldito Jax.

A culpa era dele. Ele tinha-me perturbado de manhã e agora eu estava exausta. Ou talvez fosse por causa do chuveiro. Talvez fosse por causa do carro. Talvez fosse por causa da falta de sono.

Não estava mesmo nos meus dias.

Reabasteci-me de café no átrio, desesperada por cafeína, e depois voltei para o meu gabinete. A Indya tinha ido para o dela. Quando me sentei à secretária, o telefone tocou.

Micah.

Apressei-me a atender.

— Estou? Olá! Obrigada por retribuir a minha chamada.

— Olá, Sasha.

— Como é que ele está? Ele está bem?

— Está a ser... hã... uma adaptação.

Quase me ri da sua escolha de palavras. Mas no que diz respeito a adaptações, as minhas foram mais pequenas em comparação com as do Eddie.

— Mas ele está...?! — Nem consegui terminar a pergunta.

Vivo. Ele estava vivo?

Quão mau era eu simplesmente querer que ele estivesse vivo? Como é que tínhamos chegado a esse ponto?

— Ele está bem — respondeu o Micah. — Como disse da última vez, não há muito que lhe possa contar.

— Posso falar com ele?

O Micah hesitou, e foi resposta suficiente.

— Ainda não.

Teria sido decisão do Micah? Ou ter-lhe-ia o Eddie dito categoricamente que não queria falar comigo? Não tinha a certeza do que doía mais.

— Continue a escrever-lhe cartas — disse ele. — Ele lê-as.

Será que o que eu escrevia contava como cartas? Até ao momento, tudo o que lhe escrevera fora curto.

— Não sei o que lhe dizer. Neste momento, são apenas notas.

— Não faz mal. Diga qualquer coisa. Não precisam de ser longas ou profundas. Às vezes, menos é mais. Ele só precisa de saber que a Sasha está aí.

— Eu estou aqui — sussurrei, apesar do nó que tinha na garganta. — Obrigada por me dar notícias.

— Tudo bem. Falamos em breve.

— Adeus.

Desliguei a chamada e fechei os olhos com força. Não para conter as lágrimas. Não havia lágrimas.

Já há muito tempo que chorei tudo o que tinha a chorar.

Por vezes, sentia que tudo não passava de um pesadelo, e que, se fechasse os olhos com força suficiente, se bloqueasse todos os sons e visões, quando abrisse os olhos, acordava e tudo ficava bem.

Mas, quando abri os olhos, tudo o que vi foi aquele inverno branco e ofuscante para lá das minhas janelas. Virei costas e voltei ao trabalho. O almoço — duas barras de cereais que tirei de uma gaveta — foi passado à secretária.

A tarde tinha-se transformado em noite quando finalmente fiz uma pausa para devolver a minha caneca vazia à cozinha. A sala fervilhava de atividade enquanto a equipa se preparava para a refeição da fogueira. Entrei e saí, sem parar para cumprimentar o Reid, o *chef* da estância.

Bocejei a caminho da minha secretária. Ouvi vozes vindas do escritório da Indya e virei-me em direção à porta aberta, na esperança de agradecer ao West por ter resgatado o meu carro.

Parei quando vi a Indya de dedo apontado à cara do Jax.

— Tens de ser simpático com a Sasha.

— O quê? — zombou o Jax. — Eu sou simpático com a Sasha.

— Então porque é que ela te odeia?

Odiar era uma palavra forte. Eu nunca disse que o *odiava*.

— Ela disse mesmo que me *odiava*?

— Não. Mas não é a tua maior fã. — A Indya entrelaçou as mãos.

— Suplico-te. Sê simpático. Preciso que ela fique aqui até a minha licença de maternidade acabar.

— Eu sou simpático.

— Então tens de ser *mais* simpático — insistiu ela.

Ele cerrou os lábios, mas assentiu com a cabeça.

— Está bem. Tinham de contratar uma pessoa assim tão... rígida?

Rígida. Rígida? Eu não sou rígida.

Antes que pudesse impedi-lo, um grunhido escapou-me da garganta. O West, a Indya e o Jax viraram-se ao ouvir o som.

Mas eu já tinha fugido e corrido para o meu gabinete. A minha mão agarrou a porta, pronta para a fazer bater. Mas contive a raiva e fechei-a com um suave clique. Então, sentei-me e escrevi uma carta ao Eddie.

Enquanto colava um selo no envelope, ouvi vozes vindas do pátio exterior. Hóspedes vestidos com casacos, chapéus e luvas tinham-se reunido debaixo de aquecedores a propano, todos sorridentes nos seus trajes inverniais. Um grupo de homens acenou enquanto o West e o Jax se juntavam a eles à volta da fogueira.

Reuni as minhas coisas, empurrei a cadeira para a secretária e apaguei as luzes, antes de me dirigir ao meu carro no parque de estacionamento. A viagem para casa foi tão angustiante como a da manhã.

Havia um bilhete do meu senhorio enfiado na porta, a pedir desculpa pela água. Tinha resolvido parte do problema e a água fria já funcionava, mas eu ficaria sem banho quente até segunda-feira.

Deveria ter sido um alívio. Regressar a casa depois de um dia stressante deveria ter sido bom. Mas, quando me arrastei para a cama, apenas me sentia entorpecida.

Mal fechei os olhos, a gritaria começou. Quando os vizinhos não estavam a pinar, estavam a discutir.

Fechei os olhos com tanta força que fiquei tonta.

— O que é que eu estou aqui a fazer?

Nem uma almofada sobre a minha cabeça abafou o barulho da parede ao lado. Finalmente, ao fim de uma hora, pararam de gritar. Ouvi uma porta bater e a seguir um motor ganhar vida. Depois, silêncio. Silêncio feliz e incrível.

Adormeci em segundos.

O som do vento uivante acordou-me com um sobressalto. Fazia vibrar as janelas e rugia na noite.

— A sério?! — resmunguei, enquanto saía da cama e me dirigia à casa de banho.

Acendi a luz e aproximei-me do lavatório; não tinha removido a maquilhagem porque não tinha água quente.

A fria teria de servir.

Abri a torneira e esguichei um pouco de sabonete para as pontas dos dedos. Num momento, estava a fazer uma careta para as olheiras debaixo dos meus olhos. No seguinte, a casa estava escura como breu.

Que. Raio. É. Isto?

O vento parecia rir-se, orgulhoso por ter deitado abaixo a luz.

— Odeio o Montana!

Querido Eddie,

Estava tanto frio esta manhã que, quando saí, o meu cabelo molhado congelou e transformou-se em pingentes de gelo. Foi como viajar até ao futuro e ver como ficarei com cabelos brancos. Nunca tinha sentido tanto frio. Não tenho a certeza se fui feita para o inverno.

Estás bem agasalhado? Gostas da neve? Penso em ti a cada hora de cada dia.

Hoje no trabalho chamaram-me rígida. Primeiro, fiquei zangada. Magoada. Mas ele tinha razão. Eu sou tensa. Não tenho a certeza se sei relaxar e abrandar. Pressionei-te demasiado, não foi? Eu estava tão ocupada a tentar manter-me ocupada que não percebi que as coisas estavam mal até chegarem ao ponto de não conseguirmos recuperar.

Agasalha-te, OK? Tenho saudades tuas.

S

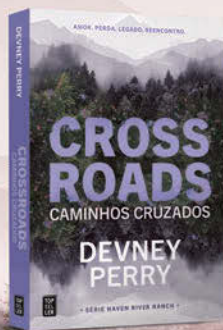
DAS CIRCUNSTÂNCIAS MAIS INESPERADAS PODE NASCER UMA LIGAÇÃO SURPREENDENTE

Sasha Vaughn é a mais recente contratação do Rancho do Rio Haven e está à espera de encontrar no Montana uma solução temporária para alguns dos seus problemas. Na véspera da sua apresentação, cruza-se na mercearia local com um atraente desconhecido que a ajuda numa altercação com a dona da loja. Embora a química entre eles seja imediata, tudo se desvanece quando Sasha se apercebe de que tem à sua frente Jax Haven, um dos proprietários do rancho.

Envolver-se com o patrão não faz parte dos seus planos, por isso recusa o convite dele para jantar nessa noite e, a partir do dia seguinte, decide manter uma relação estritamente profissional com Jax e esquecer-se de que algum dia olhou para ele de outra forma.

Até que uma noite de festa regada a champanhe acaba na cama dele e o resultado é uma gravidez inesperada, mas muito bem-vinda. Com um bebé a caminho, ignorar aquele sorriso charmoso e o seu irresistível chapéu de *cowboy* torna-se praticamente impossível. Mas como serão eles capazes de lidar com aquela situação, se nem sequer têm ou pretendem ter uma relação?

NÃO PERCA,
DA MESMA SÉRIE:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-580-5



9 789895 835805